

Querido Deus,

Chamo-me Óscar, tenho dez anos, deitei fogo ao gato, ao cão, deitei fogo à casa (parece-me que até esturriquei os peixinhos vermelhos) e esta é a primeira carta que te escrevo porque, dantes, por causa dos meus estudos, não tinha tempo.

Quero já prevenir-te: odeio escrever. Só mesmo obrigado. Porque escrever é piroso, mariquinhas, lamecha, etc. Escrever não passa de uma mentira com açúcar. Coisa de adultos.

Queres a prova? Repara como comecei esta carta: «Chamo-me Óscar, tenho dez anos, deitei fogo ao gato, ao cão, deitei fogo à casa (parece-me que até esturriquei os peixinhos vermelhos) e esta é a primeira carta que te

escrevo porque, dantes, por causa dos meus estudos, não tinha tempo.» Também podia ter escrito: «Chamam-me Cabeça d'Ovo, pareço ter sete anos, vivo no hospital por causa do meu cancro e nunca te dirigi a palavra porque nem sequer acredito que tu existes.»

Mas não fica bem eu escrever isso, e depois tu podes não me ligar importância. Ora preciso que tu me ligués importância.

Dava-me mesmo jeito que tivesses tempo para me fazeres dois ou três favores.

Passo a explicar.

O hospital é um sítio muito fixe, com montes de adultos porreiros, que falam alto, com montes de brinquedos e senhoras de bata cor-de-rosa que querem brincar com as crianças, com amigos sempre disponíveis como o Bacon, o Einstein ou o Pop Corn; enfim, o hospital é o máximo se tu fores um doente que lhes agrada.

Eu já não lhes agrado. Desde que fiz o transplante da medula óssea, sinto que já não agrado. Quando o Dr. Düsseldorf me examina pela manhã, já não o faz com o coração, porque o desiludi. Olha-me sem dizer nada, como se eu tivesse feito qualquer coisa de errado. Mas eu esforcei-me na operação: portei-me bem; deixei que me adormecessem; tive dores

sem gritar; tomei todos os medicamentos. Às vezes tenho vontade de lhe gritar, de lhe dizer que talvez tenha sido ele, o Dr. Düsseldorf, com aquelas sobrancelhas escuras, que falhou na operação. Mas ele tem um ar tão infeliz e os insultos não me passam da garganta. E quanto mais o Dr. Düsseldorf se cala com aquele olhar desolado, mais eu me sinto culpado. Cheguei à conclusão de que me tornei um mau doente, um doente que não deixa que acreditem que a medicina é uma coisa maravilhosa.

O pensamento dos médicos é contagioso. Agora é já todo o piso – as enfermeiras, os internos e as mulheres da limpeza – que me olha da mesma maneira. Ficam tristes quando estou de bom humor; riem-se forçadamente quando digo uma piada. Pois é, já não nos divertimos como dantes.

Só a Vovó Rosa não mudou. Cá para mim, ela também já é muito velha para mudar. A Vovó Rosa, não te vou apresentá-la, Deus, é uma grande amiga tua, porque foi ela que me disse para te escrever. O problema é que só eu é que lhe chamo Vovó Rosa. Por isso faz um esforço para perceberes de quem te estou a falar: é a mais velha de todas as senhoras de bata cor-de-rosa que vêm cá passar o tempo com as crianças doentes.

– Que idade tem, Vovó Rosa?

– Querido Óscar, és capaz de decorar números com treze algarismos?

– Oh! Está a gozar!

– Não. Aqui ninguém pode saber a minha idade, senão sou despedida e não nos tornamos a ver.

– Porquê?

– Estou cá contra os regulamentos. Há uma idade-limite para se ser senhora cor-de-rosa. E eu já a ultrapassei muito.

– Está fora de prazo?

– Exatamente.

– Como um iogurte?

– Schiu!

– Pronto! Eu não digo nada.

Foi *muita* corajosa em confessar-me o seu segredo. Mas bateu à porta certa. Vou ficar calado apesar de achar espantoso que, com as rugas todas que ela tem, que parecem raios de sol à volta dos olhos, ninguém tenha desconfiado de nada.

De uma outra vez fiquei a saber outro dos seus segredos, e com isso, Deus, de certeza que a vais conseguir identificar.

Andávamos a passear no parque do hospital e ela pisou uma caganita.

– Merda!

– Vovó Rosa, está a dizer palavrões.

– Olha lá, miúdo, desampara-me a loja, eu falo como me apetece.

– Oh Vovó Rosa!

– E mexe-me esse rabo. Estamos a passear, não estamos a fazer uma corrida de caracóis.

Quando nos sentámos num banco a chupar um rebuçado, perguntei-lhe:

– Como é possível que saiba falar tão mal?

– Deformação profissional, meu querido Óscar. Estava lixada na minha profissão se usasse vocabulário muito delicado.

– E qual era a sua profissão?

– Tu não vais acreditar...

– Juro-lhe que acredito.

– Lutadora de *wrestling*.

– Não acredito!

– *Wrestling*! A minha alcunha era a Estranguladora do Languedoc.

Desde essa altura, sempre que tenho um ataque de melancolia e ela tem a certeza de que ninguém nos pode ouvir, relata-me os seus grandes combates: a Estranguladora do Languedoc contra a Salsicheira do Limousin, a sua luta de vinte anos contra a Diabólica Sinclair, uma holandesa que em vez de maminhas tinha dois obuses, e sobretudo a taça do mundo contra Ulla-Ulla, conhecida como a

Cadela de Büchenwald, que nunca tinha sido vencida, nem pela Coxas de Aço, o grande ídolo da Vovó Rosa quando fazia *wrestling*. A mim, aqueles combates fazem-me sonhar, porque imagino a minha amiga como ela é hoje, uma velhota de bata cor-de-rosa, no meio do ringue, a deixar em fanicos aqueles monstros em maiô. Imagino que sou eu. Fico mais forte e vingo-me.

Bom, Deus, se com todos estes indícios, Vovó Rosa ou Estranguladora do Languedoc, tu não sabes quem é a Vovó Rosa, então é melhor deixares de ser Deus e reformares-te. Parece-me que expliquei bem.

Voltando ao meu assunto.

Em resumo, o meu transplante foi uma desilusão. A minha *químio* também desiludiu, mas foi menos grave porque havia a esperança do transplante. Agora tenho a impressão de que os doutores não sabem que mais hão de propor, até metem dó. O Dr. Düsseldorf, que a mamã acha tão bonito, mas que eu acho que tem sobranceiras a mais, parece um Pai Natal a quem se acabaram os presentes do saco.

O ambiente está a deteriorar-se. Falei nisso ao meu amigo Bacon. A verdade é que ele não se chama Bacon, mas sim Ivo, mas nós

chamamos-lhe Bacon porque é um nome que lhe assenta melhor por ele ser um queimado de terceiro grau.

– Bacon, tenho a impressão de que os médicos já não gostam de mim, que os deprimos.

– Que disparate, Cabeça d’Ovo! Os médicos são persistentes. Têm sempre montes de ideias de operações para te fazerem. Olha a mim, pelas minhas contas, já me prometeram pelo menos seis.

– Talvez tu os inspires.

– Só pode.

– Mas porque é que eles não me dizem simplesmente que vou morrer?

Aí, o Bacon fez como toda a gente no hospital: ficou surdo. Se disseses «morrer» num hospital, ninguém ouve. Podes estar certo de que se faz um silêncio de morte e depois se põem a falar de outra coisa. Já fiz o teste com toda a gente. Exceto com a Vovó Rosa.

Por isso, esta manhã, quis ver se ela também ficava dura de ouvido.

– Vovó Rosa, tenho a impressão de que ninguém me diz que vou morrer.

Olhou para mim.

Será que ela vai reagir como os outros?

Por favor, Estranguladora do Languedoc, resiste e dá uso aos teus ouvidos.